psicoanálisis y otras yerbas
JOPARα

RESENHA

Vitalité du neutre, neutralité du vital. Sur la folie et son autre tour

de Jean Allouch[1]

Adeane Fleury

Meu deus, mas o que você tem a seu favor? – Eu? (uma gagueira atroz, não tomei meu antidepressivo, treme a voz de menino doente) Eu? Uma vitalidade desesperada.

PASOLINI

Ler o autor morto, é para mim, vigoroso, pois fico transtornado, rasgado pela consciência da contradição entre a vida intensa de seu texto e a tristeza de saber que está morto: fico sempre triste pela morte de um autor, emocionado pelo relato das mortes de autor (Tolstoi, Gide). O luto é vigoroso.

ROLAND BARTHES

Em seu último livro, Jean Allouch atualiza o que refere ser seu quinhão: fazer valer o interesse para o exercício *espicanalítico*[2] da conjunção da vitalidade e do neutro. Diz ter chegado ao neutro ao distinguir em Lacan duas analíticas do sexo, e que este neutro já se encontrava em potência, desde seu primeiro livro, *Letra a letra* (1984), onde apresentou a operação da transliteração, a qual diferentemente da tradução e da transcrição, prescinde do sentido, "portanto uma operação neutra, mas não sem efeito"[3].

[1] 2024, Paris, Revue Neutre & Epel.
[2] "A espicanálise não é um humanismo. Como ela o seria, ela que lida com o que se chama o inumano?" J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", *Revue Neutre, nº 1*, 2023, p.4.
[3] J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", *Revue Neutre, nº 1*, 2023, p.2.

Em uma extensa trajetória de escritos, podemos compilar vários momentos e temas que transmitem a proposição de Jean Allouch para *liberar a psicanálise de sua função "psi"*[4], para "se liberar do domínio do que uma linguagem freudiana impõe."[5], que pretende dar sentido através de uma psicologia que não inclui a alteridade. Refere que Lacan saiu do psicologismo pela via da relação de objeto[6], para dizer que nem tudo está na responsabilidade do sujeito, que há algo que escapa à condição da pessoa.

Este foi, desde sempre e até o final, seu convite aos psicanalistas, por constatar que a psicanálise não soube se liberar do modelo médico, de suas grandes entidades clínicas: neurose, psicose e perversão. "Como se denominá-las estruturas, e não doenças, mudasse alguma coisa", lembra Allouch, em 2014, em uma entrevista à Ricardo Bianchi[7], onde também observa que "diagnosticar é identificar. Ora, o Analista não identifica." Ressaltando que a prática analítica só será efetiva ao se renovar, no caso a caso, pois nunca está fixada ou estabilizada. O discurso analítico reconhece a fragilidade do analista e da própria psicanálise, ao passo que toda solidez inibe o que, em efeito, pode oferecer. Sua última proposição de renovação é a de que a análise seja exercida no Neutro.

Recorda Lacan mencionando a "douta ignorância" para dizer que "toda aquisição de saber apenas escava o furo de nossa ignorância. Ser sábio em análise é saber cada vez menos. O que ela permite é somente ter acesso à fragilidade desse saber." [8] O não saber, o furo no saber, por vezes, considerado intolerável, por um "psicanalista como mestre", o faz lançar mão de um diagnóstico, que nada mais é do que uma defesa, ao mesmo tempo, uma falta de espiritualidade e de delicadeza.

Ao longo de todo percurso de sua extensa obra escrita, Allouch parece renovar, em vários momentos e com diferentes temas, esse convite ao analista para refletir sobre o exercício da psicanálise. Sem contemplar todos momentos, antes de apresentar seu último livro, podemos ressaltar alguns exemplos: *A Erótica do luto*[9] (onde a função psi é afastada ao propor o luto como ato e não como o resultado de um trabalho, cuja meta seria a substituição do objeto amado); *A psicanálise é um exercício espiritual?*[10] (trocando o *psi* por *espi* [spi], ressalta que a *espicanálise*[11] inclui a espiritualidade); *O Amor Lacan*[12] (aqui "um novo amor" é colocado no registro da espiritualidade); *O Outrossexo*[13] (a inexistência da relação sexual traz um novo modo de questionar a erótica).

---

[4] Em uma entrevista dada a Massimo Prearo, *Identité, sexualité, spiritualité* (2010), Allouch diz que «*A Hermenêutica do sujeito* (Foucault) foi uma obra que lhe abriu uma pista, que foi para ele tudo o que há de mais útil, que lhe deu a coragem de posicionar a psicanálise fora do campo da "função psi"», p. 12.
[5] J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", *Revue Neutre, nº 1*, 2023, p.3.
[6] J. Allouch, *O Outrossexo*, não existe relação heterossexual [2015], São Paulo, Zagodoni, 2022, p. 37.
[7] J. Allouch, Entrevista concedida à Ricardo Bianchi, *in* Jeanallouch.com.
[8] J. Allouch, "Entretien pour l'Association d'Histoire de la Psychanalyse*, in* jeanallouch.com, Janeiro/2009, p.9.
[9] J. Allouch, *L'Érotique du deuil au temps de la mort sèche*, Paris, Epel, 1997.
[10] J. Allouch, *La psychanalyse est-elle un exercice spirituel? Réponse à Michel Foucault*, Paris, Epel, 2007.
[11] J. Allouch, "Spychanalyse". Conferência em Córdoba, juillet 2006. (jeanallouch.com).
[12] J. Allouch, *L'Amour Lacan*, Paris, Epel, 2009. (O Amor Lacan, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2010).
[13] J. Allouch, *L'Autresexe*, Paris, Epel, 2015. (O Outrossexo, São Paulo, 2022).

Outro apelo encontra-se em "Versões do fantasma, seus efeitos no exercício analítico e sua finalidade"[14], onde nota que na psicanálise, tanto em seu exercício, quanto em sua teoria, o fantasma ocupou um lugar que já em seu tempo Ferenczi julgava superestimado[15]. Allouch considera que o fantasma afugentou o traumatismo. Ao passo que Jacques Lacan reintroduziu o trauma (inexistência "*troumatisante*" [*trou*: furo; *traumatisante*: traumatizante] da relação sexual[16]). No entanto, isso não impediu a persistência de um excessivo interesse pelo fantasma. Ao afirmar que a falsa alternativa trauma/fantasma nunca foi tratada de forma resolutiva, propõe outra abordagem do fantasma, que dá lugar ao "*troumatisme*", uma dimensão do fantasma até então negligenciada, tendo o próprio Lacan a vislumbrado: "o fantasma visto como uma cena".

Por último, *Vitalité du neutre, neutralité du vital: sur la folie et son autre tour*[17] renova seu convite através de figuras[18], nem matema, nem conceito[19], que mostram o Neutro, segundo Roland Barthes[20], o qual desde *O Grau zero da escrita*[21], introduz algo de novo que chamará de "o Neutro". Assim como de Blanchot, quem igualmente escreveu sobre o neutro, considerando que: "A exigência do neutro tende a suspender a estrutura atributiva da linguagem"[22].

Para Allouch, nomear o neutro como o que desvia o binarismo, os conflitos, é outra coisa do que uma neutralidade benevolente, mas sim uma vitalidade: "Basta que seja percebida a vitalidade do neutro para encontrar a neutralidade do vital – desta vida de cada um, que vai e vem, sem se preocupar mais do que isso."[23] Sabendo que "a vitalidade não se define apenas por sua oposição à morte, ou pelo conjunto de forças que resistem à morte, mas pelo conjunto de forças que significam que a morte é, para a vida, seu trilho. (Freud)" (p.33).

Mais do que "ter acesso às possibilidades de trabalhar e de amar - fórmula freudiana com ares adaptativos, apresentando ao paciente o que esperar de uma psicanálise – Allouch considera que, sem dúvida, é *uma certa e singular vitalidade* que é esperada de uma análise. Segundo Pasolini, *uma vitalidade desesperada*[24]".(p. 68).

---

[14] J. Allouch, "Novas observações sobre o fantasma", Ali, 24 jan 2021, Par Zoom. *In* jeanallouch.com.

[15] S. Ferenczi, *Lettre à Freud* do 25 de dezembro de 1929. Ele denunciava nessa carta uma prática da análise "excessivamente unilateral", "a superestimação do fantasma e a subestimação da realidade traumática" (citado por Judith Dupont em seu prefácio ao *Journal Clinique*, Paris, Payot, 2014). *In* J. Allouch, Colloque ELP, *Deux analytiques*, 2020, p. 4.

[16] "A respeito de como pode ser acolhido um trauma, se não tratado, ao menos domesticado, eu me inspirei em Imre Kertész". J. Allouch, *La Scène lacanienne et son cercle magique*, Paris, Epel, 2017, p. 36.

[17] J. Allouch, *Vitalité du neutre, neutralité du vital.* Paris, Epel, 2024.

[18] R. Barthes, *Le Neutre*, Cours au Collège de France (1977-1978). Paris, Seuil, 2002, p. 35: «Figura: fragmento não do Neutro, mas no qual, mais vagamente, existe Neutro, [...]. Não um dicionário de definições, mas cintilações. [...] princípio assumido de não exaustividade.»

[19] "O conceito não apreende o que é flexível, só podendo se apropriar do rígido." (Lacan, 15/01/1974), *cit. in.* J. Allouch, *O Outrossexo*, p. 23. Em *Vitalité du neutre...*: "Então, se quisermos recusar a redução, é preciso dizer não ao conceito, não se servir dele. Mas então como falar, nós, os intelectuais? Por metáforas. Substituir a metáfora pelo conceito: escrever." Barthes sobre o conceito: "força reducionista do diverso, que impede o devir do sensível."

[20] R. Barthes, *Le Neutre*. 2002.

[21] R. Barthes, *Le degré zéro de l'écriture*, Paris, Seuil, 1953.

[22] M. Blanchot, *L'Entretien infini*, Paris, Gallimard, 1969.

[23] J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", Revue Neutre, nº 1, 2023, pp. 1-2.

[24] Pasolini, *Poesia in forma de rosa*, Garzanti, 1964: "una disperata vitalitá". *In* R. Barthes, *Le Neutre*, p.106.

Ao propor o *luto como ato*, e não segundo a concepção freudiana do *luto como trabalho*, denuncia o quão grotesco é considerar o objeto como substituível, pois no luto, o ser amado é insubstituível. Assim como considera inconveniente falar de *trabalho de amor*, quando se visa fazer dar certo uma relação. O luto é ato! O ato de acrescentar à perda um "pedaço de si". O luto devendo ser incluído na lista dos eventos traumáticos (como pensou Ferenczi)[25]. Nos diz Allouch com sua originalidade, que não é por uma psicologia do luto que a psicanálise se orienta.

Propondo outra psicanálise ("sem psi, pois esse é tagarela") com seus reiterados gestos críticos, em 2007, ao trazer o tema da *espiritualidade em Freud e em Lacan*, convida o analista a admitir e a pensar o exercício analítico como uma experiência espiritual, dizendo que "Decididamente sim, a espiritualidade não é exatamente o que se acredita, nem está onde a confiamos. A psicanálise também não."[26] Lembrando que:

> Não há teoria da prática analítica [...]. Ou, mais exatamente, se pode haver uma produção que teoriza alguns dados vindos desta prática, [...] e se um outro tipo de esforço pode ser feito, enquanto é reconhecido a inconveniência de toda teorização, de tais esforços, qualquer que seja suas maneiras (registro, ordem de racionalidade), só terão validade à medida que saibam manter um certo branco, suscetível de acolher o que a prática poderá, a cada vez, oferecer de inédito." (p.29).

Em o "Amor Lacan", Allouch coloca o amor, um "novo amor", nem ato, nem teoria, no registro da espiritualidade, aquele que se dirige à liberdade do outro e respeita sua preciosa solidão: "amar é deixar o outro ser só, só e amado, amado e só." (p.10). Ou, "o excesso de amor ofende o amor, o excesso de amor não é o amor." (p. 448).

Depois, em *O Outrossexo*, retoma um antigo convite aos psicanalistas, feito já em 2001, em *O Sexo do mestre*, que concerne à "*inaudita* declaração da inexistência de uma relação sexual", questionando se ficou claro e compreensível a significação desta declaração, e se sua parte de enigma não teria sido apenas obliterada. Convidando os analistas a considerar um novo modo de questionar a erótica, numa abordagem diferente da sexualidade.

Por último, em *Vitalité du neutre, neutralité du vital: sur la folie et son autre tour*, através de figuras[27] do Neutro, de Roland Barthes[28], antes de terminar a vida, nos deixa mais uma

[25] J. Allouch, "Objet perdu et dé-composé", p. 5, *In* jeanallouch.com. Também em *La scène lacanienne et son cercle magique: des fous se soulèvent*, Paris, Epel, 2017.
[26] J. Allouch, *La psychanalyse est-elle une exercice spirituel?* Paris, Epel, 2007, p. 101.
[27] Figuras, para Barthes, são as frações de discurso, quando se refere ao «discurso amoroso como lufadas de linguagem que lhe vêm no decorrer de circunstâncias ínfimas, aleatórias. [...] Essa palavra não deve ser entendida no sentido retórico, mas no sentido ginástico ou coreográfico; [...] de uma maneira muito mais viva, o gesto do corpo captado na ação e não contemplado no repouso. [...] Assim é o enamorado, vítima de suas figuras: ele se debate num esporte meio louco, desgasta-se como o atleta; fraseia como o orador; é captado, siderado num papel, como uma estátua. A figura é o enamorado em ação. [...] As figuras se destacam conforme se possa reconhecer, no discurso que passa, algo que tenha sido lido, ouvido, vivenciado. Para certas operações de sua arte, os linguistas se servem de uma coisa vaga, o sentimento linguístico; para constituir as figuras, não é preciso nada mais do que este guia: o sentimento amoroso. [...] É como se houvesse uma tópica amorosa, da qual a figura fosse um lugar (*topos*). Ora, o próprio de uma tópica é ser um pouco vazia.» R. Barthes, *Fragmentos de um discurso amoroso*, São Paulo, Unesp, 2018, p.15-16.
[28] Roland Barthes, *Le Neutre*, 2002.

oportunidade de liberar a psicanálise de seu *psi*, nos transmitindo, mais uma vez, sua vitalidade, registrada em seus textos e gestos, trazendo com delicadeza e discrição a reflexão proposta ao analista: "Não é notável que o curso de Roland Barthes sobre o Neutro possa ser lido como conselhos oferecidos ao psicanalista a respeito do seu exercício?" (p. 42).

Barthes encontrou o "grau zero" nos trabalhos do linguista dinamarquês Viggo Brøndal, que analisando os fonemas, isolou "traços distintivos" verificando o binarismo da linguagem. Allouch observa: "Barthes considerou que certos linguistas estabelecem entre os dois termos de uma polaridade (singular-plural, presente-passado) a existência de um terceiro termo, termo neutro ou grau zero[...], não marcado pela oposição, não um nada, mas *uma ausência que significa*".[29]

Barthes, nesse curso[30], apresenta «o Neutro em trinta figuras»[31], onde evita tratá-lo como um conceito, elencando figuras exemplares do que seria o Neutro, como o silêncio, a delicadeza, o *Kairos* (momento oportuno), bem como do que faria contraponto a ele, como a arrogância.

Escrever sobre conselhos ao analista, questionar a arrogância do analista e o que seria para o analista agir com delicadeza e considerar o silêncio em sua prática, foi o último convite de Jean Allouch dirigido aos analistas, ao mesmo tempo, um exercício da Vitalidade do neutro e da neutralidade do vital.

Desta vez, a palavra não é mais convite, mas discretos conselhos aos psicanalistas, que impediriam um exercício psicanalítico pautado em dogmática lacaniana, não essa exatamente de Lacan, pois sempre se esquivou de determinar um sistema de pensamento, mas essa que inventam e fixam a partir de uma leitura própria.

A questão sendo a de saber como, ao ocupar o lugar do analista, não escorregar para o discurso do mestre? Pois, "o mestre é alguém, é uma personalidade. Como mestre, ele não dá nenhum lugar à intervenção do neutro, do impessoal *On*"[32]. Lembra que Lacan, ao propor a análise como ato e não só como elaboração, se distancia da noção freudiana de construção, a mesma que o próprio Freud questionou: "O que nos garante, enquanto trabalhamos nas construções, que não seguimos a falsa pista e que não comprometemos o sucesso da cura ao sustentar uma construção inexata?"(p.63). Tendo escrito à Marie Bonaparte: "interpretando de maneira intempestiva, desperdiça-se o mais precioso, o puro, as coisas devem se revelar por si mesmas [...]".[33] Barthes considera que "Não há outra saída da arrogância senão a de suspender a interpretação, o sentido..."[34], tendo reunido sob o nome de arrogância

---

[29] J. Allouch, "Le degré zéro de la censure", EPFCL, Paris, 03/02/2022, *In* jeanallouch.com, p. 1.
[30] R. Barthes: «Dou do Neutro uma definição que permanece estrutural. Digo com isso que, para mim, o Neutro não se refere a "impressões" de monotonia, de "neutralidade", de indiferença. O Neutro – meu Neutro – pode se referir a estados intensos, fortes, espantosos. "Evitar o paradigma" é uma atividade ardente, quente.» (p.32)
[31] R. Barthes, *Op. cit.*, p. 35.
[32] Aqui vamos manter sem tradução esse *pronome impessoal* francês: *On*. [N. de T.]
[33] M. Bonaparte, *Sigmund Freud, Correspondance intégrale*, Paris, Flammarion, 2022, p. 89. In J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", *Revue Neutre, nº 1*, 2023, p.12.
[34] R. Barthes, *Le Neutre*, p. 199.

> todos os “gestos” (de fala) que constituem discursos de intimidação, de sujeição, de dominação, de asserção, de soberba; que se colocam sob a autoridade, a garantia de uma verdade dogmática, ou de uma demanda que não pensa, que não concebe o desejo do outro.[35]

Em seu último convite, dar lugar ao Neutro no exercício analítico, através da suspensão do caráter assertivo da interpretação, considera que assim “a necessidade se apaga, dando lugar à contingência, a verdade (esse palavrão) cede lugar à validade.” (p. 63) e que Lacan, ao apresentar a verdade como “semi-dizer”, a aproximava da validade, algo a ser validado (em vez de verificado) (Nota 20, p. 63). Precisamente, “O analista não se mostra, em nada, mestre daquilo que ali nasce.” (p.64).

Em sua tese, Lacan afastou a noção de processo, lembra Allouch: não há “processo psíquico” ou “psicótico” apenas eventos que não são nem “psíquicos”, nem processuais. «A ocasião é alérgica ao processo, ela lhe escapa; não se controla a ocasião, ela tem lugar. Assim como se pode constatar, não há processo político: Desde quantas dezenas de anos fala-se do “processo de paz” no Oriente Médio, sem que jamais uma paz tenha sido estabelecida ali?» (p.64).

Allouch faz um alerta ao analista que se imagina, que se acha mestre da situação, que pensa conhecer, “pois ele pensa, o pobre diabo...” (p. 58), um mestre que pretende saber do inconsciente de seu paciente. Lembrando que é:

> como pai-mestre que Freud se comporta muitas vezes, em que adota o papel de conselheiro conjugal, notadamente de casamenteiro [...], se pronunciando sobre a oportunidade de um casamento ou de uma separação, como escreve à Maria Bonaparte: “Você vê, eu devo ficar no papel de pai.” (p. 59).

Na oportunidade, questiona Lacan quando diz que o “analista sabe melhor do que ninguém que a questão é de escutar em qual parte desse discurso encontra-se o termo significativo, e é bem assim que ele opera. (Função e campo da fala, 1953). Melhor do que ninguém?” (p. 62). É permitido duvidar. Nada pode estar dado de antemão para uma sessão que ainda não aconteceu, o analista não tem um saber prévio, como o padre que recebe um fiel em confissão, tendo como pressuposto o pecado. Para Barthes,

> o neutro é vital. Ele é o que recusa, não frontalmente, mas *radicalmente*, através de um desvio, o mortal “querer prender”, cujo instrumento é a linguagem, esse lote de signos e de sentidos impostos a quem fala uma dada língua. [36]

O Neutro viria oferecer a possibilidade de se desvencilhar das correntes da linguagem, da tentação do sentido, que é muito mais aprisionante do que se imaginou,

> Segundo Barthes, o bebê não está, como em Lacan, mergulhado em um “banho de linguagem”, e sim *preso em uma rede feita de finas tramas entrelaçadas*. Ele não nada,

[35] R. Barthes, *Op. cit.*, p. 195.
[36] J. Allouch, *Vitalité du neutre, neutralité du vital*. *Revue Neutre, nº1*, 2023, p. 2.

> nem descansa, em um meio aquático (que promoveria, imaginado por alguns, o imenso contentamento do feto, nadando no líquido amniótico); o bebê está de imediato metralhado, prisioneiro de um código, o qual só lhe resta, na melhor das hipóteses, fissurar – tal seria a função liberatória do neutro.[37]

Retomando o tema da liberdade no exercício analítico, "sem jamais excluir que o analisante possa exercer sua liberdade"[38] inclusive durante sua análise, lembra que

> não é em direção a sua inefável singularidade (um "eu" propício a provocar o narcisismo da pequena diferença) que a análise, liberada de seu *psi*, orienta o sujeito (ela o deixa para a psicologia que se sacia aí), ao invés disso, a análise lhe oferece um acesso cada vez pontual, mais livre ao isso [*cela*], a isso [*ça*] que o determina e do qual, no início, nada mais há do que signos diversamente embaraçosos e/ou gozosos. (pp. 41-42).

O analista que defende a singularidade esquece-se que o que surge em uma análise não é "uma preciosa singularidade", como considera a psicologia, mas um lugar, o lugar do Outro, que não é o Outro de si, mas Outro do que si mesmo."[39]

Allouch chama "vitalidade" o que falta à heroína de *A Mulher gelada* de Annie Ernaux:

> muito aplicada em realizar o que ela imagina dever ser sua vida, essa mulher cumpriu todas os comandos que uma sociedade ocidental moderna tenta impor às mulheres, pelo menos em um certo meio (escolaridade obtida, boas relações com o seu meio, amigas simpáticas, estudos universitários, casamento, filho, trabalho remunerado): aplicada, sim, ela é, mas negligenciando o viver – comando nunca indicado. Ela se descobre hegeliana: uma vida que não é arriscada não vale a pena ser vivida.[40]

Em seu último livro, o tema do Neutro é introduzido, em sua **Abertura** (p. 7), com uma citação em epígrafe de Feu M. Pascal, sugerindo que «um honesto homem deveria evitar se servir das palavras "eu" [*je*] e "mim" [*moi*]» [41]. O Neutro servindo ao exercício do luto de si. No que concerne ao psicanalista, trata-se de um contrassenso dizer "eu sou psicanalista", pois não se trata de uma identidade, e sim de um "lugar", um impessoal, uma não-pessoa[42]. Temos em mãos, uma "marchetaria", como se refere Allouch, que oferece percepções *espicanalíticas*[43] sobre os lugares

---

[37] J. Allouch, *op. cit.*, p. 2.

[38] J. Allouch, *Postface à Lettre pour lettre*, Paris, Epel, 2021. Nesse posfácio Allouch apresenta as proposições para a espicanálise, refletindo sobre "o acolhimento no campo freudiano da fala insensata da loucura, o valor da imagem, a questão do Neutro, a questão da causalidade, a fascinação dos psicanalistas pelo objeto, a liberdade do analisante, a vontade e não só o desejo.", p. 363.

[39] J. Allouch, "Le degré zéro de la censure", op. cit., p. 7.

[40] J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", Revue Neutre, nº 1, 2023, p. 10.

[41] A. Arnauld et P. Nicole, *La Logique ou l'Art de penser,* 5º éd., Paris, Desprez, 1683, p.350. (*In* Louis Marin, *La Critique du discours. Sur la "Logique de Port-Royal" et les "pensées" de Pascal*, Paris, Éditions de Minuit, 1975).

[42] Tendo sido Émile Benveniste quem ofereceu ao "on" seu estatuto de neutro, de uma «não-pessoa» (p. 20).

[43] Espicanalista, propõe Allouch, visando esvaziar a função psi, incluindo a espiritualidade, não a religiosa, mas aquela que Foucault definiu como condição de acesso à verdade, à transformação que ela opera no sujeito; "Um modo não psicológico de cuidar de si". (Jean Allouch, *La psychanalyse est-elle un exercice spirituel?* Paris, Epel, 2007, p.27).

dessa não-pessoa (p.8), pois o neutro sendo "novamente, outra coisa do que esse eu", oferece uma possibilidade de "Sair de si".

Sobre **A situação do Neutro** (p.11), citando Louis Marin[44], considera uma posição neutra do sujeito de discurso, questionando com ele se esta operação retórica de neutralização do sujeito de enunciação seria sustentável:

> É possível constituir uma outra maneira de dizer ou de escrever, que não seja aquela de um sujeito como potência de afirmação própria de um eu [moi], como autor de um discurso, portanto sujeito de amor-próprio e figura do desejo?[45]

Um movimento de Lacan (16/12/1975), diz Allouch, «um dos mais notórios "cães"[46] de Freud», deu lugar ao Neutro, ao se desvencilhar de sua tese: a paranoia e a personalidade, dizia ele, não têm relação pois "são a mesma coisa". Indica que a outra coisa seria esse "diz-se" de Marguerite Duras, quando mudando seu estilo escrevia *O Vice-Cônsul*[47] e *O Arrebatamento de Lol V. Stein*; ou «Um advir "sem rosto"» de Foucault; ou ainda «Um beckettiano "Que importa quem fala?" e "sua frase onde um analisante e, embora de outra maneira, um espicanalista lacaniano leem suas marcas: Tentar de novo, falhar de novo, falhar melhor.[48]"» (p.13).

Allouch considera que, sem ser nomeado, o Neutro está presente em Lacan também quando propõe o Que se diga [*Qu'on dise*], escrito em 14 de junho de 1972, que se apresentava assim: "Que se diga – como feito – fica esquecido, por traz disto que se diz, nisto que se escuta." Allouch nota que diferentemente de "Que *eu* diga fica esquecido..." - como uma queixa de um «infeliz "eu" se declarando incompreendido», o *On* afasta tal lamentação. (p.16). Tem-se aí um *On* pouco preocupado com a personalidade.

Para Allouch não há dúvida de que o regime do *Isso* está mais próximo do neutro do que do inconsciente, o qual é atribuível a uma pessoa, mesmo tendo sido situado enquanto "discurso do Outro". Somos convidados a "consultar Barthes[49] que soube abordar o neutro, apresentá-lo sem jamais defini-lo" (p. 56).

Em **O inconsciente o encantador,** a despeito da sedução do inconsciente, de seu "charme", desse atrativo do inconsciente que o *isso* [*ça*] não oferece, lembra que "A psicanálise não reduz seu objeto ao inconsciente". Assim, "O *isso* não é aqui pensado como oposição ao inconsciente, segundo Blanchot ao menos, ele viria ressaltar o que o inconsciente comporta em si mesmo de neutro."[50]

Nota também um amplo uso que Lacan fez do "isto", esse demonstrativo neutro. Em **Esse [*ce*], Isto [*cecī*], aquilo [*cela*], isso [*ça*], *hoc***, Allouch considera que o neutro não se coloca apenas

---

[44] L. Marin, *La Critique du discours*. Paris, Éditions de Minuit, 1975, p. 349.
[45] L. Marin, *La Critique du discours*, op. cit., p.349. *Cit in* J. Allouch, *Vitalité du neutre...* Paris, Epel, 2024, p.8.
[46] J. Lacan, "La chose freudienne", *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p.436. (Escritos, Zahar, 1998, p. 437).
[47] J. Allouch, "La passe ratée du Vice-Consul", *Lettres de l'École*, nº 21, março/1978. *In* ecole-lacanienne.net.
[48] Giacometti/Beckett, *Rater encore. Rater mieux*, catálogo de exposição, Lyon, Fage, 2020, p. 34.
[49] R. Barthes, *Oeuvres complètes*, t. II, Paris, Seuil, 2002, p. 769.
[50] J. Allouch, "Le degré zéro de la censure", *op. cit.*, p.7.

com os pronomes pessoais, pois ele aparece também sob outra perspectiva: no "demonstrativo neutro", definido por Grevisse:

> Os demonstrativos neutros *aquilo* [*cela*], *isso* [*ça*] se empregam frequentemente para designar um ser ou uma coisa que não se quer, ou que não se pode nomear com precisão. (p.71).

A ligação do neutro com o lugar foi indicada por Grevisse, que admite que um pronome se refere a um lugar. Assim, o que ele denomina demonstrativo neutro – "que designam um ser ou uma coisa situando-os no espaço" (p.71) - traz um esclarecimento sobre a ligação do neutro com o lugar, que passaria desapercebida ao serem denominados "pronomes" os *esse*, *isto*, *aquilo*, *isso* e *hoc*. Assim, O demonstrativo neutro levanta outra questão, que não é a da personificação, mas da referência, da relação do "objeto" com seu lugar:

> Não se pode jamais designar um objeto, a não ser indicando seu lugar (Deus mesmo, designado ao céu ou na cruz); designar um objeto é *ipso facto* assinalar um lugar, onde o objeto está e que o marca. O objeto não é o mesmo objeto segundo os lugares onde está (um quadro em um museu é diferentemente visto do que se estivesse num ateliê de pintura ou numa sala burguesa). (p.77).

Allouch questiona se o nome próprio teria o alcance de um demonstrativo: "Se um nome próprio *designa* alguém, *a particular*" (p.73). Para responder a esta questão evoca três casos onde o *isto* [*ceci*] vacila: 1) Jesus: (isto é meu corpo [*hoc est corpus meum*]); 2) Em 09 de janeiro de 1963, um certo "isto" acompanhava a inédita *produção*, por Lacan, do objeto "pequeno *a*" (isto, isto é *a*); 3) Michel Foucault e sua análise do quadro de Magritte (*Isto não é um cachimbo*)[51].

Três casos que têm para Allouch notáveis diferenças: o *isto* de Magritte parece se referir a um objeto ausente, representado por sua imagem, que não é de fato um cachimbo. O *isto* de Lacan, "mais franco e direto", questiona se esse objeto ofertado e que fez circular, seria o mesmo quando recebido. (p.87).

Ali onde Foucault mostra que o neutro "isto" era desprovido de referência, ali onde Marin desnudava o problema da referência, estabelecendo a dificuldade de ficar sem ela, que se preferia manter juntos signo, sentido e referência, Allouch considera que Lacan abre uma outra via, que não é de conciliação, uma via diferente. O vazio do neutro pode não ter referência, à condição que um corte tenha produzido esse objeto pequeno *a*, esse objeto caído, que assim dá lugar ao neutro. Para Allouch, o gesto de Lacan (fazê-lo circular), nesse 09 de janeiro de 1963,

> encarnava aquilo que ele ensinava. A partir daí, não se admira que, mais tarde, tenha declarado esse objeto "sua única invenção". O que estava longe de ser o caso. Será preferível aqui observar que este objeto, esse resto, foi apresentado de maneira tal que o tornava suscetível de assinalar o neutro, ser dele falsamente a referência, sem contudo jamais (fora da angústia) preencher o vazio. (p. 87).

[51] M. Foucault, *Ceci n'est pas une pipe* [1973], Saint-Clément-de-Rivière, Fata Morgana, 2010.

Sua expectativa aponta para a necessidade de que «alguém não invadido pelo saber psiquiátrico e psicanalítico se dirija à loucura (transferência psicótica[52]), para que venha à luz o que ela torna sensível, ou seja, o caráter muitas vezes determinante do "*on*" em suas diversas manifestações.»[53]. Cita Albert Londres como alguém que tomou conhecimento da importância do "on" nos discursos de perseguidos[54]: «À noite, o espreitam [*on* le guette], o espionam [*on* l'espionne], o insultam [*on* l'insulte]". Essa pregnância do "on", ele não a inventa: secretário do alienado[55], apenas a compila.»[56]

Allouch faz um alerta: «A psicanálise está se esclerosando por aquilo mesmo que a fez prosperar: sua ancoragem na "função psi"» (pp. 8-9). Uma psicanálise que se torna *espicanálise*, se exerce no Neutro, na figura da "delicadeza e do Kairos (momento oportuno)", onde o *psi* (esse que advém da relação de poder com o saber, concedido pela teoria) dá lugar ao *espi* de espiritual. O *espicanalista* é uma questão de lugar. Como propõe para a segunda analítica do sexo (analítica do lugar e não do objeto).

Observa que dois traços marcam a intervenção do espicanalista que sabe se fundamentar no neutro: a delicadeza e o *Kairos*, propostos por Barthes como figuras do neutro. [57]

A respeito disso Rafael Pérez[58] considera que as últimas proposições de Allouch, no «exercício que faz de leitura-escrita de Lacan – escrever invertendo – coloca a mesma questão trazida por Foucault, Barthes, Lacan, Blanchot, Bataille, Nietzsche, etc.». Observa que com o Neutro, Allouch coloca em questão a categoria de «sujeito do inconsciente» em Lacan, e que vai se tratar de uma experiência de dissolução: «não há mais agora nem instância de um aparelho psíquico, nem eu [moi], nem sujeito, nem ninguém.»[59]. Cita Allouch:

> a experiência analítica, no final, irá encontrar um lugar desertado de qualquer sujeito [...]. Escreverei então, invertendo as coisas: ali onde estava o sujeito do inconsciente, ali mesmo *isso* [*ça*] terá lugar. O neutro blanchotiano terá lugar concernindo, em linha direta, a um verso de Mallarmé: «Nada mais terá lugar, senão o lugar».[60]

Allouch considera o Neutro como a incidência do lugar. Um lugar, desertado do objeto, cria um espaço livre dos *vícios do lacanismo*, impede de se deixar tomar pela tradição da *doxa* lacaniana. Recentemente, George-Henri Melenotte em seu Seminário "*Cuando la locura nos*

---

[52] J. Allouch, "Vous êtes au courant, il y a un transfert psychotique". *Littoral*, nº21, outubro/1986. Neste breve ensaio, "transferência psicótica" é apresentada como sendo uma transferência pelo psicótico. Tese sustentada em Jean Allouch, *La Leçon d'Artaud. Une esthétique de l'esprit*, Paris, Epel, 2023, p.17 *sq.*

[53] J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", Revue Neutre, nº 1, 2023, p. 4.

[54] Em *La Règle de trois foucaldienne. Une étude stylistique* (Paris, Epel, 2022), Guy Le Gaufey fez valer a importância do "on" em Racine e definiu esse "on" como "desindividualização pelo artigo indefinido".

[55] J. Allouch, *Revue du Littoral*, "La part du secrétaire", nº 34-35, 1992.

[56] J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", *op. cit.*, p. 4.

[57] J. Allouch, *op. cit.*, p. 11.

[58] R. Pérez, "Exercices de lecture-écriture", *Revue Neutre, nº2*, 2024.

[59] J. Allouch, "Le degré zéro de la censure", 2022. *In* jeanallouch.com, citado por Rafael Perez.

[60] Sobre essa questão, Rafael Perez, sugere ler George-Henri Melenotte, « Du neutre comme lieu », *Revue neutre, n°1*, 2022. https://revueneutre.net/du-neutre-comme-lieu.

hace una jugada "[61] questiona: "De que lado se está, da formação do analista que ensina como Lacan trabalhava com seus analisantes, ou do lado da reinvenção da psicanálise? Trata-se de um exercício espiritual ou de um método intelectual?"

Em seu artigo "O estilo em Lacan e outros disparates", Maximiliano Diel propõe: "que *o estilo em Lacan* seja tratado como uma questão, isto é, algo aberto, dinâmico, sulcado pelo *zeitgeist* de uma época e cujas respostas são sempre provisórias [...]".[62]

Assim, Allouch considera que ao declarar que "homem" e "mulher" não são mais do que significantes, Lacan também suspendia localmente a "estrutura atributiva", como faz o Neutro[63], presente tanto em Lacan, como em Freud que, adotando o isso (*Es*) de Groddeck, cita Nietzsche comentando que viu no *isso* uma necessidade natural e impessoal, em uma palavra: um Neutro.

Tendo sido Antonin Artaud aquele que mais radicalmente soube fazer valer o neutro a respeito da erótica, levando essa incidência a uma de suas últimas consequências, ao convidar cada um a abandonar o ato sexual, pois observou que o espírito se perdia nesse ato. Sendo a espiritualidade o que dá lugar ao Neutro.

Allouch distingue essa neutralidade do vital daquela neutralidade suíça, um nem-nem que se distancia das duas partes em batalha, sem intervir. Ao contrário, o Neutro, que diz com Barthes e Blanchot, também com Freud (o *isso*) e com Lacan (o lugar do Outro sexuado), exerce sua parte no ato sexual. Uma analítica do laço (do objeto) dá lugar a uma analítica do lugar (do neutro), a primeira é a da diversidade sexual, a segunda, um tronco comum, com a qual cada um tem que se haver. Nesse novo registro não há mais nem homem, nem mulher, nem homo, nem hétero.

Em *La leçon d'Artaud* (2023) propõe que a linguística admitiu com Benveniste que *On* poderia escapar da condição da pessoa e se referir a uma situação "objetiva" (p. 84). Nos diz Barthes: "O *On* pode também servir para não abordar frontalmente alguém, para contornar o "tu" que condena, que mata... (p. 15). Foucault, ao esclarecer sobre a linguagem que possibilitasse acolher a vivacidade primitiva que engaja o homem na loucura, diz ser "preciso deixar falar a partir deles mesmos, essas palavras, esses textos que estão abaixo da linguagem e que não são feitos para aceder à fala: Era preciso então *uma linguagem bastante neutra* - bastante livre de terminologia científica e de opções sociais ou morais - para que fosse possível chegar o mais perto possível dessas palavras primitivamente emaranhadas."[64]

A vitalidade dos textos de Allouch se mostra em uma insistente lembrança da insuficiência do analista, da fragilidade da análise, da proposta de uma delicadeza contra a arrogância de um saber posto, da abertura para uma prática que se exerce no Neutro. "A delicadeza é uma certa consideração da alteridade" (p.65).

---

[61] G.-H. Melenotte, *Cuando la locura nos hace una jugada*, Montevidéu, Seminário 6-7 set 2024.
[62] M. Diel, "El estilo en Lacan y otras pendejadas", 2020. *In* école-lacanienne.net.
[63] J. Allouch, "Le degré zéro de la censure", 2022, op. Cit., p. 1.
[64] M. Foucault, "Préface, *Folie et Déraison, Histoire de la folie à l'âge classique*" [1961], Dit et Écrits I, Paris, Gallimard, 2001, p.194.

Não se acredita quando se diz que o psicanalista não pensa. Aprisionado em fazer valer a teoria psicanalítica, não se leva tão a sério o silêncio do analista, o qual é não apenas um se calar, muito mais uma aposta no que tem a dizer o analisante, ao lhe ser dado esse espaço de fala, se nada da teoria vier interferir em sua fala, se não houver a "intolerável imposição linguageira"[65].

A questão que se formula sendo: então para que a psicanálise? Justamente, outra psicanálise que não venha "atolar" o sujeito, que vem se analisar, em pressupostos e conceitos analíticos. Marca-se aqui uma distância entre a teoria e o exercício da psicanálise. Nos diz Allouch que:

> A relação do psicanalista com seu saber está em jogo aqui: que se atenha muito a ele, que o tome como uma verdade universal aplicável a todos, que ele use dele em suas intervenções, o distancia de conseguir se referir ao Neutro. Sem dúvida, vislumbra-se duas maneiras diferentes de analisar. Seus traços diferenciais sendo o Neutro, afastado por uma, acolhido por outra.[66]

Em **Discretos conselhos ao psicanalista**, encontra-se com a problemática do bom momento, do momento oportuno (*Kairos*) e com o princípio de delicadeza que, "se fosse tomado de maneira séria, impediria que certos psicanalistas fundamentassem suas práticas em uma dogmática lacaniana ou em um sistema de pensamento, que eles mesmos constroem e fixam". (p. 57). Que as coisas se revelem por si mesmas, não só a interpretação intempestiva deve ser afastada, mas toda uma modalidade de interpretação:

> O que não equivale a uma ausência de intervenção do psicanalista, ao contrário, pois o vazio, o silêncio que ele deixa advir, ao precisamente não interpretar, é *em si mesmo* uma intervenção, um silencioso "e depois?" (que Allouch aborda em seu livro *Freud, e depois Lacan,* 1993), que oferece ainda ao analisante a iniciativa da fala, a sequência na qual irá acontecer ou não a interpretação (diferente, sem dúvida, daquela que o psicanalista teria por si mesmo cultivado em seu jardim secreto). Para o analisante, a psicanálise é um albergue espanhol, só se come, só se transforma ali, aquilo que trouxer. Quanto ao analista, nada melhor que uma estrofe de um poema de Marguerite Yourcenar que dá a entender o que pode ser seu silêncio, sua delicadeza no sentido de Roland Barthes (p. 60):
>
> *Eis que o silêncio tem as únicas*
> *palavras,*
> *Que se pode, junto a vós, dizer sem vos*
> *ferir:*
> *Deixemos chover sobre vós as lágrimas das corolas;*
> *Basta sorrir àquilo que só está de passagem.*[67]

[65] J. Allouch, "Vitalité du neutre, neutralité du vital", *op. cit.*, p. 3.
[66] J. Allouch, Ouverture du 2º Congreso Internacional de Psicología, Universidad de la Cuenca del Plata, 2021, p. 10.
[67] M. Yourcenar, *Les Cahiers d'Alcippe, 1984. In* J. Allouch, *Neutralité du vital...,* p. 60.

O que se faz com gestos e palavras pode ser muito perigoso, afrontador ou inibidor. É constrangedor o que se ouve de certas práticas psicanalíticas se apoiando em um saber posto. Pretende-se saber exatamente como o fantasma determina a vida de um sujeito, forjando um confortável lugar de onde se julga saber a respeito daquele analisante, porém sufocando iniciativas, silenciando o dizer que viria do analisante, violando sua liberdade. Uma opressão vestida de psicanálise, tramas que desviam o incômodo das resistências, das dores, das angústias trazidas em uma análise, tão disformes, tão desadaptadas da vida pré-formada ditada por uma sociedade que engessa o ser falante.

São reflexões que a vitalidade de Jean Allouch torna possíveis. Alguns vão dizer se tratar de uma ingenuidade, mas é possível que ela também seja uma vitalidade, a de um otimismo, da aposta em analistas mais livres, menos sábios, se dirigindo à liberdade de seus analisantes, convidados a exercer a psicanálise no Neutro.

Para concluir e ao mesmo tempo relançar a reflexão sobre o neutro, é possível recorrer a Blanchot citando Barthes sobre o grau zero da escrita, como o momento em que a literatura poderia ser agarrada, escreve:

> Mas, nesse ponto, ela não seria somente uma escrita branca, ausente e neutra; seria a própria experiência da "neutralidade" que jamais ouvimos, pois quando a neutralidade fala, somente aquele que lhe impõe o silêncio prepara as condições de escuta; e, no entanto, o que há para ser ouvido é aquela fala neutra, aquilo que sempre já foi dito, que não pode cessar de dizer-se. [...] Mas o inominável é precisamente uma experiência vivida sob a ameaça do impessoal, a aproximação de uma fala neutra que fala sozinha, que atravessa aquele que a escuta, que é sem intimidade, exclui toda intimidade, e que não podemos fazer calar, pois é o incessante, o interminável. [68]

[68] M. Blanchot, *O livro por vir. Para onde vai a literatura.* São Paulo: Martins fontes, p. 307 e 312.